

O mundial da Argentina: Nacionalismo e imprensa em “defesa da pátria”¹

Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo²
UFRJ/UCAM

Resumo

O presente artigo tem como foco o nacionalismo e a mobilização social em torno da Copa do Mundo realizada em 1978, apresentando uma contextualização histórica da organização do torneio na Argentina além de representações coletivas geradas por veículos tradicionais da imprensa do país até o início do mundial: o jornal Clarín e a Revista esportiva El Gráfico.

A partir de uma abordagem histórica dos fatores que influenciaram a organização do campeonato mundial da Argentina é feita uma análise da adesão dos periódicos citados na retórica nacionalista de "defesa da pátria" contra uma suposta campanha "anti-argentina". Assim sendo, é possível estabelecer uma conexão entre o discurso oficial da Junta militar e a participação dos veículos da imprensa estudados.

Palavras-chave: Copas do Mundo ; Nação ; Imprensa ; História ; Memória.

Introdução

- a) Da escolha como sede à Junta militar.

O presente artigo tem como foco o nacionalismo e a mobilização social em torno da Copa do Mundo realizada em 1978, apresentando uma contextualização histórica da organização do torneio na Argentina além de representações coletivas geradas por veículos tradicionais da imprensa do país até o início do mundial.

A escolha da sede do campeonato mundial de futebol organizado pela FIFA no ano de 1978 realizado na Argentina ocorreu mais de uma década antes, durante o Mundial realizado na Inglaterra em 1966.

O ano da indicação do país-sede é emblemático das disputas políticas e sociais existentes na Argentina e reverbera na própria atitude do governo que efetivamente organizou o mundial muitos anos após a decisão.

No caso argentino, segundo autores memorialistas como Llonto (2005) e Gotta (2008), esta era uma aspiração antiga dos dirigentes do país, que desde o período de Juan Domingo Perón havia manifestado este desejo. No congresso da entidade realizado em Tóquio, durante os Jogos Olímpicos de 1964, a candidatura do país teria sido derrotada pela escolha do México como sede do Mundial de 1970, porém a delegação da AFA teria retornado com a promessa da entidade de organizar o torneio em 1978.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em História no PPGHC/UFRJ e Mestre pelo PPGCOM/UERJ.

Los dirigentes de AFA apuntaron sus cañones a una supuesta traición de Rous. Havelange los acicateó para que pensarán de ese modo. Sólo se trajeron de regreso una nueva promesa: si los deseaba, Argentina tenía asegurada la sede en 1978. Una carta que finalmente sería confirmada en la antesala del certamen de la Inglaterra, el 6 de Julio de 1966. Ese mundial británico tuvo un otro hecho paradójico para los argentinos: la Selección que fue despedida por el presidente Arturo Humberto Illia, sería recibido por otro país, en el que un nuevo militar había tomado el poder por la fuerza y asumido el 29 de julio. (GOTTA, 2008, p. 24)

O país iniciava um período de ditadura com o General Juan Carlos Onganía (1966-1971), o qual os militares chamavam de “Revolução Argentina”, onde a centralização política era muito grande e as aspirações por transformações econômicas pautavam o discurso militar. Segundo Marcos Novaro:

A partir de 66, en cambio se daría absoluta prioridad a lo económico y solo tras haberlo resuelto se atendería a los actores sociales y, por último a la política. En el ínterin, el conjunto de la sociedad tendría que someterse a los designios de un gobierno autocrático que valería por sus intereses “desde arriba” sin consultarla en lo más mínimo.

Para ellos los militares asumieron plenos poderes revolucionarios, que no ejercerían en forma directa, sino delegándolos en Onganía. Gracias a esto, el presidente de facto contó con recursos que ningún otro jefe militar, y por supuesto ningún civil, había podido siquiera soñar: no solo ejercería el Poder Ejecutivo durante un plazo indeterminado, con total libertad para decidir sobre funcionarios y políticos, sino también el Poder Legislativo y los poderes provinciales. Y, además tendría amplias atribuciones sobre las Fuerzas Armadas. (2003, p. 90)

Segundo Romero (2001) o período em que os militares ficaram no poder até as eleições de 11 de março de 1973, quando os argentinos votaram majoritariamente em Héctor Campórea na chapa opositora da Frente Justicialista de Liberación articulada por Perón, pode ser caracterizado como um “ensaio autoritário”.

Apesar da força do regime imposto, os militares eram politicamente contestados desde 1969 com movimentos emergentes dos protestos estudantis e da agitação sindical oriundos principalmente da cidade de Córdoba. O marcante episódio do sequestro e assassinato do ex-presidente e general Pedro Eugenio Aramburu em 1970 intensificou a oposição aos militares em diversos setores da sociedade inclusive com o surgimento de grupos de guerrilha como os Montoneros.

Apesar do atentado ao ex-general ter sido executado pelo grupo guerrilheiro, como Aramburu era inimigo de Onganía e era visto como um possível líder na recondução a um regime democrático, o assassinato do militar resvalou no próprio dirigente do país, que acabou sendo substituído em junho de 1970. Conforme assinala Romero:

Pero el clima había cambiado: los sindicalistas eran menos dóciles y los empresarios manifestaban abiertamente sus desconfianzas por los escarceos populares. Un sector hasta entonces sacrificados – los productores rurales elevo su protesta y mantuvo un duro entredicho con los frigoríficos extranjeros,

aparentemente protegidos por el gobierno. Onganía estaba cada vez más aislado de las Fuerzas Armadas, pero se benefició de su indecisión y perplejidades. Había grupos que querían probar la vía del nacionalismo, y quizás el populismo, mientras que los liberales dudaban entre una dictadura más extrema o la negociación de la salida política, empresa que se asociaba con el nombre del general Aramburu. El 29 de mayo de 1970, a un año exacto del Cordobazo, Aramburu fue secuestrado y pocos días después se encontró su cadáver. Muchos sospecharon con algún fundamento que ciertos círculos que rodeaban al presidente estaban de alguna manera implicados. Lo cierto es que el episodio despejó las dudas de los militares: a principios de junio de 1970 depusieron a Onganía y designaron un presidente – mandatario de la junta de comandantes, que se reservaba la autoridad para intervenir en las principales cuestiones de Estado. (2001, p. 186)

Os militares seriam retirados do poder por um breve período após as eleições de Héctor Campora e em setembro de 1973 ocorre o retorno do maior mito político argentino do século XX, Juan Domingos Perón, à presidência da República. Após construir uma política de alianças que segundo Romero (2001) executava um pêndulo entre a provocação e a pacificação, além de utilizar seu inquestionável carisma para canalizar as insatisfações da sociedade argentina, Perón assume o governo cercado de esperanças e insatisfações sociais.

No ano seguinte, a escolha da Argentina como sede do mundial de 1978 é ratificada e Juan Domingos Perón toma providências para a manutenção do projeto antes mesmo do seu falecimento no dia 1 de julho, fato que gerou comoção e agravou a instabilidade política no país. Segundo a historiadora Livia Magalhães que recentemente escreveu uma interessante tese sobre as vitórias brasileira e argentina nas Copas de 1970 e 1978:

Na época da escolha, a Argentina vivia há poucos dias da ditadura militar de Onganía, e mesmo com as crises política, social e econômica que se agravaram ao longo dos anos, a escolha foi ratificada pela FIFA em 1974. No mesmo ano, o então presidente Juan Domingo Perón definiu que a organização da Copa seria responsabilidade do Ministério de Bem-estar Social, sob o comando de José Lopez Rega, através da Comissão de apoio do Mundial. (2014, p. 56)

O ministro López Rega, também conhecido como “El brujo”, era um dos maiores perseguidores de militantes de esquerda no país e líder da Triple A (Aliança Anticomunista Argentina). Ele permaneceu no cargo durante o conturbado período em que Isabel Perón assumiu o poder, agravando ainda mais os conflitos entre o Estado e os grupos de esquerda, sobretudo os Montoneros acentuando as divisões na sociedade argentina.

b) O “Processo” e a organização do evento.

Os militares retornaram ao poder com o golpe de 24 de março de 1976 que derrubou Isabel Perón e deu início a ditadura comandada por uma Junta militar liderada pelo general

Jorge Rafael Videla. A repressão se intensificou durante os anos iniciais do período conhecido como o “Processo” que vai durar até 1983.

Como uma metáfora da clássica obra do escritor tcheco Franz Kafka³, o Processo argentino vai se caracterizar por um período de autoritarismo, censura, repressão, tortura, mortes, mas também celebrará uma espécie de consenso tácito em torno de alguns acontecimentos históricos entre veículos da imprensa e grande parte da população, como por exemplo o Mundial de 1978.

Os articuladores do “Processo” receberam a organização do mundial de 1978 como um provável “presente de grego”. Os questionamentos da opinião pública internacional, sobretudo com a criação do COBA, as possíveis retaliações de órgãos internacionais à realização do evento e as esperanças dos adversários do regime preocupavam a junta militar com o que eles denominaram “campanha antiargentina”. Segundo Novaro e Palermo (2013):

Por cierto, muchos de los que repudiaban al régimen esperaban que durante el Mundial ocurriera exactamente aquello que los militares temían. El Proceso había heredado del gobierno anterior la decisión irreversible de que el campeonato tuviese lugar en la Argentina. Hacia 1977, los militares habían anunciado el triunfo sobre la subversión, y se habían abocado a cosechar los frutos de la Victoria. A comienzos del año siguiente ya estaban preocupados por otra cuestión: la campaña antiargentina. (2013, p.160)

Neste sentido os esforços do Estado argentino para a realização de um evento modelar com intenso apelo nacional foram enormes. Altos investimentos em infraestrutura: a remodelação e construção de estádios como os de Mar del Plata, Mendoza e Córdoba, obras de revitalização das cidades, rodovias e aeroportos, além dos altos investimento em tecnologia dos meios de comunicação, sobretudo para as transmissões televisivas são exemplos da importância que os militares atribuíram a organização do Mundial. Segundo Magalhães (2014):

A organização – e aqui entram principalmente as obras realizadas – era a principal retórica no discurso do regime, que insistia em ideias como “quando querem os argentinos podem, ou “mostramos ao mundo o que somos capazes”. Nesse discurso, a capacidade de superação nacional, seja ao superar os problemas internos ou as críticas externas, passava pela organização positiva da Copa do Mundo. Esta foi entendida como uma oportunidade de mostrar as qualidades do povo argentino (2014, p. 74)

Desde 2 de julho de 1976, através de um decreto-lei, a Junta militar criou a EAM (Ente Autárquico Mundial) – 1978, substituindo a comissão instituída por Perón com o

³ O romance *O Processo* escrito pelo tcheco Franz Kafka em 1925 estabelece críticas veementes ao Poder Judiciário a partir da intimação de um homem chamado Joseph K que não consegue descobrir o motivo que está sendo acusado.

objetivo de assegurar a realização do torneio cujas obras encontravam-se muito atrasadas. O campeonato mundial de futebol passou a ser planejado como um assunto de grande interesse nacional e a própria imagem do país para os dirigentes do “Processo” estava em “jogo”.

No mesmo ano o governo argentino contratou uma grande empresa de publicidade norte-americana, a Burson-Matteler para ajudar no combate daquilo que consideravam a campanha “antiargentina”. Diversas ações publicitárias tanto no exterior, quanto internamente foram criadas para se opor àquilo que o governo considerava ofensivo à Nação e ao povo argentino. Segundo o jornalista Llonto (2005):

La agencia estadounidense Bourson Masteller e Asociados puede estar orgullosa de la tarea cumplida. No en vano, meses antes del comienzo del Mundial se apresuró a preparar las facturas por las que cubriría el Estado argentino casi medio millón de dólares por gestiones realizadas para silenciar y desmentir los militantes por los derechos humanos.

Burson se adjudicó como uno de sus éxitos lo que en verdad era pura cumplicidad de los medios nacionales. En el exterior sus creativos poco podían hacer porque en los diarios más importantes crecía la cantidad de artículos de una dictadura sangrienta. (2005, p.72) *Grifos Nossos*.

Sobre a eficiência da retórica do discurso nacionalista de consenso contra o factóide “campanha antiargentina” durante o mundial, o historiador Novaro (2003), esclarece seu êxito corroborando assim com a ideia de cumplicidade de grande parte dos “meios nacionais”, conforme defende Pablo Llonto (2005) em seu crítico ensaio memorialístico:

“La campaña antiargentina” demostró toda su eficacia durante el Mundial de fútbol de 78. Los periodistas extranjeros pudieran registrar el apoyo al régimen y el aislamiento que padecían las familias de los desaparecidos, por ejemplo, a través de la exposición masiva de calcomanías con la leyenda “Los argentinos somos derechos y humanos” en automóviles, medios de transporte público, oficinas, etc. Esa cohesión en torno al régimen estaba sesgada por el silencio a que eran condenados los disidentes; pero no era del todo falaz y ni siquiera artificial. La obtención de la Copa por parte de la selección nacional dio rienda suelta a expresiones espontáneas: muchos intelectuales, artistas y políticos se sumaron a los festivos masivos y en algunos casos fueron más allá del deportivo, reconociéndole a la Junta el mérito por haber hecho posible “la fiesta de todos”. (2003, p. 156)

c) O Clarín e El Gráfico participando em “la fiesta de todos”.

A ideia de coesão nacional a partir da valorização do sentimento de pertencimento é um elemento fundamental dentro da argumentação dos articuladores nos veículos analisados que se utilizam da suposta “campanha anti-argentina” para reforçar o discurso nacionalista.

Tanto o jornal *Clarín* quanto a revista *El Gráfico* estimulam esta visão a partir da realização do evento e a identificação com o selecionado nacional. Em uma das crônicas de

Juan Lorenzo, um dos convidados regulares do suplemento especial "Clarín Mundial", por exemplo, o conteúdo explicita a defesa da união em torno do momento histórico que se apresentava para o país. Com o sugestivo título "Yo Argentino" o ex-treinador da seleção albiceleste afirma:

Se pone en marcha la **esperanza argentina**. **El país** está pendiente de lo que haga nuestra Selección. Los que sientén el fútbol, y los que por império del "ruído" que provoca ese mundial se hán interesado por la primera vez, y ahora como argentinos, también empujarán el equipo. Es la mejor oportunidad de ganar uno Mundial. El hecho de ser locales siempre fue importante. Cuando lo foran potências como Inglaterra y Alemania, el título se quedo en casa. El piato, puede se repetir agora en Argentina. Estamos bien preparados, tenemos un buen equipo. Todos queren que la selección gane. **Todos han participado en el proceso com espíritu positivo**. Yo, que dirigi dos veces el equipo nacional en mundiales jamás conte con lo apoyo que se le dio ahora. Lo digo con satisfacción. Dirigentes y autoridades nacionales le hán dado a Menotti y sus jugadores todo, absolutamente todo. El público, al principio con algunas vacilaciones, también há dado su total respaldo al equipo, y su aliento resultará no solo espetacular, sino esencial. Motivará los jugadores como nunca. (CLARIN n°11.584 (01/06/1978), SUPLEMENTO MUNDIAL, p. 2) *Grifos nossos*.

Podemos verificar que paralelamente a observações futebolísticas, está presente na crônica a metáfora da defesa da Nação. O torneio é visto como "esperança argentina", "o país espera o que a seleção fará", "todos participaram do processo com espírito positivo", são mensagens emblemáticas de uma retórica de um possível consenso em torno da valorização do evento.

Na revista *El Gráfico* que antecede a abertura do Mundial o editorial é contundente e inequívoco na defesa da imagem argentina. As mensagens de boas vindas aos países participantes exaltam a importância do esporte, da paz, de valores morais, do clima festivo, do caráter espetacular do torneio, mas termina com um recado para àqueles que estariam "distorcendo" a realidade:

- Que este Mundial permita la exaltación de los autenticos valores del deporte.
- Que en cada estadio, en cada ciudad y em cada calle se viva un clima de verdadera fiesta.
- Que consagre la belleza y la plasticidad que han convertido al futbol en uno de los espectaculos mas lindos y emocionantes.
- Que haya un solo perdedor: la violencia.
- Que haya un solo vencedor: la paz.
- Que cada jugador sepa que millones de niños estan viendo en ellos un modelo a seguir.
- Que mas allá del superprofesionalismo impere la lealtad y el juego limpio.
- Que la habilidad y el talento siga siendo los fundamentos del éxito.
- Que sirva para un mayor acercamiento y una mayor comprensión entre los pueblos.
- **Que la verdadera realidad argentina, tan malintenciosamente distorsida en algunos países, sea bien conocida y comprendida.** (*EL GRÁFICO*: N. 3060, p. 3)

Segundo Carlos Urlanovsky (2011), jornalista renomado que escreveu uma importante obra sobre a História dos meios de Comunicação na Argentina, o discurso adotado tanto pelo jornal *Clarín*, quanto pela revista *El Gráfico* acompanhou a tendência majoritária dos meios de comunicação argentinos durante a realização do mundial. Propagava-se a defesa da imagem do país com a exaltação do clima festivo e pacífico, em detrimento da omissão dos acontecimentos que atentavam contra os direitos humanos como as mortes, desaparecimentos e centros de tortura que eram característicos do período.

Independentemente da pressão exercida pela censura imposta pelos órgãos estatais, a maior parte das revistas e periódicos “abraçaram” a causa como uma questão nacional, repudiando assim o COBA e todos os veículos estrangeiros que criticavam o processo ou denunciavam as violações ocorridas no âmbito da ditadura civil-militar instalada no país.

Ademais, o tema era popular e impulsionava as vendas dos periódicos que adotaram campanhas específicas⁴ e slogans para defender de maneira ufanista a pátria aderindo ao lema criado pelos militares “somos derechos y somos humanos”. De acordo com Urlanovsky (2011):

El campeonato Mundial de fútbol disputado en el invierno de 1978 ocupó antes y un buen tiempo después la cabeza de los argentinos. Aquí y en el exterior muchos pensaban que un triunfo de la Selección argentina – cosa que finalmente ocurrió – sería la contraseña para que los dictadores se instalaran con comodidad y por muchos años en el poder. En rigor, para los medios y también para la prensa escrita el torneo fue una oportunidad para bater el parche de que aquí se vivía en paz y que nada de que le decían los medios extranjeros era cierto, sino una campaña de desprestigio de alcance internacional. El tema fue cubierto sin fisuras por la prensa local, que encontro además una buena veta para aumentar las ventas (2011, p. 102-103)

Outra expressão emblemática da conjuntura histórica em que foi realizado o torneio foi “La fiesta de todos”. Título de um longa-metragem dirigido posteriormente por Sérgio Renan que exaltava a realização do mundial no país, o slogan tornou-se uma referência da celebração cívica contida nas comemorações pelas sucessivas vitórias da equipe dirigida por Menotti e na própria espetacularização do evento presente desde a partida inaugural disputada entre Alemanha e Polônia.

Sobre a película que estreou no dia 24 de maio de 1979 e que é considerada por muitos o filme oficial do Mundial de 1978, Ferreira (2008) que escreveu um ensaio histórico sobre o jornalismo esportivo no período do Processo afirma:

⁴ Um exemplo foi a campanha da revista *Para Tí* que anexava às edições cartões postais com as belezas naturais argentinas para serem enviados ao exterior àqueles que criticavam o país afim de divulgar uma boa imagem do país.

El filme posee un elenco que incluye a una variada y numerosa oferta de estrellas del cine y de la televisión. No faltan Luis Sandrini, ni Juan Carlos Calabró en su clásico papel de “El contra”. También aparecen en cámara periodistas deportivos desde el oficialista José Mario Muñoz hasta Enrique Macaya Marquez, Diego Bonadeo y Néstor Ibarra. Los testimonios son previsibles, contenidos y al borde de un nacionalismo chabacano proclive a resaltar lo peor del “estilo de vida argentino”. Los discursos indignan. La calidad de todo el material que no posee el formato de documental es un extremo medíocre. En las primeras escenas del film, que no parecen filmadas por el equipo original del documental, pero que son un institucional de las obras del Mundial, el periodista Roberto Maidano (fallecido) dice: esto que estamos viendo y nos emociona hasta las lágrimas es un símbolo que representa nuestra ganas de ser, de hacer, de demostrar que podemos. Porque detrás de estos chicos y más allá de los hombres que con tanto trabajo y capacidad organizaron el Mundial, estuvieron miles de argentinos anónimos que construyeron estadios, carreteras, aeropuertos y que tendieron comunicaciones desde la Argentina hacia el resto del Mundo. Y todo ello concluido y funcionando mucho antes de la fecha de iniciación del torneo dando la mejor respuesta a los escépticos del “no llegamos” (2008, p. 86-87)

A abertura da Copa foi celebrada com júbilo e pompa pelos veículos argentinos analisados. A presença de Videla e o destaque concedido ao seu discurso revelam uma cumplicidade com a estratégia adotada pelo chefe da Junta Militar que apesar de não ser um apaixonado por esportes como era por exemplo o estadista Juan Domingo Péron que na sua juventude foi boxeador, sabia da importância simbólica e cultural dos eventos esportivos e buscava manter uma aproximação com os ídolos nacionais.

Como destaca Gotta (2008), antes mesmo da realização do campeonato mundial de futebol no país, o dirigente já tentava melhorar a imagem do regime se utilizando do esporte e buscando a proximidade com compatriotas importantes no cenário internacional como o badalado tenista Guillermo Villas.

Durante uma viagem aos Estados Unidos, por exemplo, em 1977, quando Videla teve de enfrentar alguns protestos e questionamentos por parte do presidente Jimmy Carter, o contato com o tenista teria sido uma válvula de escape positiva para a imagem do ditador. O bom cenário em que se encontrava o esporte argentino naqueles anos contribuiu para este acionamento simbólico por parte do general de ícones desportivos com a imagem da nação:

Videla, que no sólo utilizo el viaje para intentar estrechar filas con los norteamericanos tuvo un mal trago: en Nueva York debió esfuersarse para eludir un par de protestas callejeras en su contra. Pero tuvo algunos buenos, que fortalecieron el deseo de mejorar la imagen de su gobierno en el exterior. Por caso, la publicación junto con Guillermo Villas, muy sonriente ambos. El tenista, dos días después del paseo de Videla por los jardines de la Casa Branca, se consagraba campeón en el US Open, y se convertía virtualmente en el número uno del mundo. El domingo 18, una semana después Villas jugó por la Copa Davis en el Buenos Aires Lawn Tennis ante Australia, el presidente lo vio desde el palco oficial. Eran días de terror. Pero fructíferos para la especulación y la “plata dulce”. También para ele deporte argentino de elite. Carlos Alberto Reuteman descolaba en la Fórmula Uno. Carlos Monzón y Victor Galindez

lideraban el mundo de los boxeadores em sus categorías. Boca ganaba una Copa Libertadores de la mano de Juan Carlos Lorenzo. Ya brillaba Diego Armando Maradona, a quien el general Guillermo Suarez Masón seguía por las canchas argentinas, viajando em aviones YPF. (GOTTA: 2008, p. 59)

Todavía, será durante o mundial que a onipresença de Videla nos estádios se constitui em um fator marcante estabelecendo uma associação do Processo com a realização do evento e os próprios êxitos nos gramados. Videla assistiu todos os jogos da seleção argentina, além da partida inaugural, quase sempre acompanhado dos outros representantes da Junta Militar e de personalidades políticas importantes como o diplomata norte-americano Henry Kissinger, o ditador boliviano Hugo Banzer e o aliado brasileiro, presidente da FIFA, João Havelange.

Seu comportamento na cerimônia de abertura do mundial na Argentina denota a importância política atribuída pelo ditador à competição esportiva que se iniciava e segundo reportagem do *Clarín*, a grande satisfação que o presidente tinha em estar presente neste acontecimento conforme a mensagem oficial reproduzida no periódico:

Luego de la cerimonia inaugural del 11 Campeonato Mundial de fútbol, el presidente de la Nación desea poner de manifiesto la profunda satisfacción del gobierno nacional por la perfecta organización de tan importante evento, que há mostrado al mundo de que es capaz el esfuerzo y la fé del pueblo argentino, unido en la consecución de un objetivo común.

“La cultura cívica demostrada por todos y cada uno de los asistentes, así como el afecto amistad y sincero apoyo que los argentinos hán brindado las delegaciones visitantes extranjeras constituyen sin duda la reafirmación de la vieja hidalguía nacional que se afirma así en la nota distintiva que será mas valorada por los ocasionales huéspedes del país”.

És por ello que el presidente de la Nación exhorta al pueblo argentino a continuar demostrando esas añejas virtudes, tanto en esta fiesta del deporte, cuanto en la gran empresa común que es la Patria. (CLARÍN, nº 11.585 – 02/06/1978, p.2)

A euforia com a realização da abertura do torneio é canalizada novamente no editorial de *El Gráfico* para enviar mensagens aos críticos e céticos que estariam participando da “campanha argentina”. Com o título “Para los de afuera y para los de adentro. Gracias al fútbol.”

Lo que seis meses, un año atrás parecía imposible de concretar: ver un Mundial en la Argentina. Y verlo así, con ese marco grandioso y esse contenido correcto dignamente elaborado y presentado. Sabemos que hay errores, siempre los hay. Pero globalmente considerado, desde el mismo instante en ló que los escolares formaron sobre el campo del River la palabra ARGENTINA, este campeonato és un éxito. Todavía sentimos la emoción del primer día de la Copa en estos dedos que tiemblan al golpear las teclas da máquina de escribir. Todavía nos sacude la vibración del primer partido que jugó Argentina. Todavía sentimos el halago y el orgullo de saber en que forma respondieron la afición y **el país todo** a esta convocatória que nos hizo el más popular de los deportes. Gente que nunca se había interesado por el rodar de una pelota sobre un campo de juego se acercó al fútbol y ló está viviendo codo a codo, con las mismas ganas, junto a los que siempre estuvieron firmes en las tribunas de los estádios. Nos sigue emocionado

recordar como **el país todo** recibió los visitantes y el entusiasmo medido, la euforia educada, com que el publico assistió en las tribunas y en las plateas.

Para los de afuera, para todo esse periodismo insidioso y malintencionado que durante meses monto una campaña de mentiras acerca de la Argentina, este certame le está revelando al mundo la realidad de nuestro país y su capacidad de hacer, con responsabilidad y bien, cosas importantes.

Para ló de adentro, para los descreídos que teníamos en nuestra própria casa, estamos seguros de que el Mundial há servido para sacudirlos, emocionarlos y enorgullecerlos. Un país como el nuestro tán golpeado y tan caído después de las duras experiências pasadas, se está demostrando a sí mesmo sus enormes posibilidades de realización. Y esto no tiene nada que ver con los resultados futbolísticos. (*EL GRÁFICO*, nº 3061 – 06/06/ 1978, p.3) (grifos da própria revista)

Partindo da concepção de que as cerimônias de abertura dos torneios mundiais de futebol e dos próprios Jogos Olímpicos modernos são elementos importantes na construção dos respectivos eventos como “tradições inventadas”, conforme definem os historiadores Hobsbawn e Ranger (1997), o conteúdo deste editorial é muito rico no apelo a coesão nacional e a emoção cívica, além de buscar “responder” as críticas internacionais e as vozes difusas internas que seriam “antipatrióticas” segundo o posicionamento político da Revista. O fato da expressão “el país todo” se encontrar em negrito denota a retórica do consenso, da “fiesta de todos” que é estimulada pelos articuladores de El Gráfico.

A reportagem principal da edição N.3.601 sobre a festa de inauguração também está na mesma linha e tinha como título: “Jueves 1. de junio de 1978. Un momento histórico. Un show espectacular. Una fiesta inolvidable. El día en que el Mundial se llenó de Argentina”. Junto com várias fotos da cerimônia um texto assinado pelo articulista Hector Onesime com a chamada “ Si todo es tan grande, Si todo es tan lindo”. Com um tom retórico inflamado de “patos” o jornalista afirma:

El mundial en la Argentina. Cuántos fantasmas nos asaltarón en estos últimos años haciendonós dudar! Me acuerdo de la Alemania. De este cartel luminoso que despedia hasta **Argentina 1978**. Entonces empezamos a transitar una vigília por momentos angustiosa. Confieso que en pocas oportunidades milité en la secta de los escépticos. Lo haremos? Lo podremos hacer, me repetia?

Lo hicimos, lo pudimos, hacer, me repetia el jueves de 1. de junio a las 13 horas caminando hacía ele estádio del River luego de estacionar mi auto en el lugar reservado para la prensa. Después, la fiesta. El color de las banderas, la plasticidad de los gimnastas, la precisión de los horarios. Mi pecho se se dilata queriendo atravesar los abrigos imprudentes.

Si todo es tan grande. Si todo es tan lindo.

El Mundial en la Argentina. Y bien con un estádio imponente. Pletórico de felicidad. Desbordante de ansiedades. Banderas de otros países. Respetadas y aplaudidas. Pienso en la televisión en colores. Pienso en los ochocientos millones de espectadores que según me han dicho – están pendiente de estes acto. Pienso que nos están respectando. (*EL GRÁFICO*, nº 3601, p.60)

Novamente o apelo cívico, a ideia de festa e espetáculo. As referências à presença das diversas bandeiras nacionais no estádio, o impacto das transmissões televisivas à cores e da imagem da nação no exterior.

Segundo Varela (2013) a introdução das transmissões a cores durante o Mundial de 1978 fez parte do próprio processo de construir uma imagem positiva do país para o exterior pois internamente o sinal colorido somente chegaria dois anos depois:

El color se introdujo en la televisión argentina en 1978 para la transmisión del Mundial de fútbol al exterior, pero no se utilizó dentro del país hasta 1980. En abril de 1982 recién comenzaba a extenderse la cantidad de televisores que podían recibir las transmisiones color y Malvinas fue sin duda, el primer acontecimiento político transmitido por Canal 7, que pasó a llamarse ATC-Argentina Televisora Color. La transmisión del Mundial de fútbol fue el punto culminante de la esquizofrenia instalada por la dictadura entre la imagen del país producida por los medios de comunicación que apoyaron el golpe militar y la que se tenía de la Argentina en el exterior. Esas imágenes contrastantes de un país dividido entre el adentro y el afuera, se materializaron durante las transmisiones diferenciadas del mundial: en blanco y negro para el público local y en color para el exterior. (2013, p.280)

Considerações finais

A retórica do coletivo “Nós fizemos, nós podemos” é propagada a partir do futebol como elemento operador da nacionalidade assim como define Alabarces (2002). Uma intersecção entre emoção, patriotismo e orgulho que busca provocar no leitor a cumplicidade e adesão no discurso de defesa da Nação.

Neste sentido, o futebol seria um elemento central dentro do universo simbólico argentino e segundo Novaro e Palermo (2013) pôde se constituir em um catalisador do sentimento nacionalista durante a organização do campeonato mundial de futebol realizado no país.

Cuanto más central es un deporte dentro de un universo cultural, tanto más probable es que en una competencia internacional sus efectos de identidad sean capturados por las oposiciones colectivas ideológicas del nacionalismo. Sobre todo si, como sucede en el caso argentino, el nacionalismo es, a su vez, un componente ideológico-cultural de primer orden en las identidades sociales y populares. En 1978, este vínculo de carácter más general se encarnó en un contexto específico. Así, el Mundial fue vivido por muchos como una oportunidad para recomponer la autoestima maltrecha por sucesivos fracasos y frustraciones. (2013, p. 162-163)

A ideia de consenso tácito em torno da importância da organização do evento e da identificação com a seleção nacional é defendida em trabalhos recentes de historiadores, sociólogos e jornalistas, pois o futebol teria operado como um forte elemento de mobilização social e representação coletiva durante o Mundial realizado no país.

Esta adesão de grande parte da população civil e veículos da imprensa a suposta “fiesta de todos” ajudaria os dirigentes do Processo a ocultar a violência de uma ditadura extremamente repressiva e que atuava através de mecanismos de censura, tortura e genocídio.

Referências bibliográficas

- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.
- ALABARCES, Pablo (org). *Futbolologías: fútbol, identidad y violencia en la América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: El periodismo deportivo durante la dictadura*. Buenos Aires: Alarco Ediciones, 2008.
- GOTTA, Ricardo. *Fuimos campeones, la dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Perú*. Buenos Aires: Edhasa, 2008.
- GIULIANOTTI, Richard e ROBERTSON, Roland. *Globalization e Football*. Londres: SAGE Publications, 2009.
- HELAL, Ronaldo. “Jogo Bonito’ y Fútbol Criollo: La relación futbolísticas Brasil-Argentina en los medios de comunicación”. In GRIMNSON, Alejandro (Org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires: Edhasa, 2007.
- HOBSBAWN, Eric J. e Ranger, Terence. *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWN, Eric J – Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOROWICZ, Alejandro. *Las dictaduras argentinas*. Buenos Aires: Edhasa ,2012.
- LEVÍN Florencia. *Humor en tiempos de represión: Clarín 1973-1983*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.
- LLONTO, Pablo. *La Verguenza de todos: el dedo em la llaga del Mundial de 78*. Buenos Aires: Asoc Madres del Plaza de Mayo, 2005.
- LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610/2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: Sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2014.

MESTMAN, Mariano e VARELA, Mirta. *Masas, Pueblo, multitud en Cine y televisión*. Buenos Aires: Eudeba, 2013.

NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina:1955-2010*. Buenos Aires:Siglo Vintiuno Editores, 2011.

NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Historia argentina:la dictadura militar 1976 – 1983:del golpe de Estado a la restauración democrática*. Buenos Aires: Ed.Paidós, 2013.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2003.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, 2001.

TUDOR, Andrew. World Cup Worlds: Media Coverage of the Soccer World Cup 1974 to 2002. In: RANEY, Arthur; BRYANT, Jennings (ed.). *Handbook of Sports and Media*. New York: Routledge, 2006.

TOMLINSON Alan, YOUNG Cristopher org. *National identity and global sports events: culture, politics, and Spetacle in the Olympics and the football world cup*. New York: SUNY, 2006.

URLANOVSKY, Carlos. *Paran las rotativas (1970-2000) : História de los médios de comunicación en Argentina*. Buenos Aires: 2005.

FONTES:

- a) Jornal Clarín – (1978) . De 20/05, N. 11.574 até 30/06, N. 11.613.
- b) Revista El Gráfico – (1978) De 16/05, N. 3058 até 11/07, N.3066. Além de 3 edições extra sobre vitórias argentinas durante o torneio.